

COMO A BÍBLIA CHEGOU ATÉ NÓS

Abdenego da Guia¹

RESUMO

Incontáveis livros foram escritos com abissal influência ao redor do mundo inteiro, a exemplo do Alcorão, do Vedas, do Zend Avesta e do Mahabharata, com conteúdo majoritariamente de autoajuda e de um deus essencialmente panteísta. Não obstante, nem de longe nenhum deles se compara ao conteúdo das Sagradas Escrituras – a Bíblia, que tem alcançado milhões de pessoas em diferentes civilizações e épocas, fazendo-as experimentar o poder sobrenatural transformador de um Deus onipotente, onisciente e onipresente, transcendente e imanente, ou seja, único, dando-lhes, ao final da vida terrena, o direito à vida eterna (Jo 3.16).

Palavras-chave: Deus, Escritura, Sagrada, Antigo Testamento, Novo Testamento.

ABSTRACT

Countless books have been written with abyssal influence around the world, such as the Quran, Vedas, Zend Avesta, and Mahabharata, with mostly self-help content and an essentially pantheistic god. Yet none of them can compare with the content of the Holy Scriptures - the Bible, which has reached millions of people in different civilizations and ages, making them experience the transforming supernatural power of an omnipotent, omniscient, omnipresent, transcendent God. immanent, that is, unique, giving them, at the end of their earthly life, the right to eternal life (John 3:16).

Keywords: God, Scripture, Holy, Old Testament, New Testament

INTRODUÇÃO

A Bíblia é um nome genérico do livro que expõe as intenções divinas para as pessoas do mundo inteiro, servindo de base de fé e prática do cristianismo autêntico. A palavra Bíblia tem sua raiz etimológica no grego *biblion*, “livro”. O Novo Testamento se utiliza da terminologia “as escrituras” para se referir a partes ou ao todo do Antigo Testamento. O

¹ Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Atua profissionalmente como perito contábil judicial e extrajudicial e é servidor do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas desde 1985, exercendo atualmente a chefia da Assessoria de Planejamento e Orçamento. É membro da Assembleia de Deus em Maceió/AL, onde atua como professor da classe de casais, palestrante, músico e escritor.

apóstolo Paulo adiciona os adjetivos *santas* ou *sagradas* (*ta hiera grammata*) (ARC), quando destaca o fato de Timóteo conhecer as “sagradas letras” desde a sua infância (2 Tm 3.15)².

Por outro lado, enquanto em Mateus 21.42 está escrito: “Nunca lestes nas Escrituras...” (*en tais graphais*), em Marcos 12.10, que é uma passagem paralela, a palavra escritura está no singular: “Ainda não lestes esta Escritura...” (*ten graphen tauten*). E em 2 Timóteo 3.16, Paulo escreveu: “Toda Escritura é inspirada por Deus” (*pasa graphe theopneustos*) (ARA). Já em 2 Pedro 3.16, o apóstolo Pedro se refere a “todas” as epístolas do apóstolo Paulo como sendo do mesmo nível das “outras Escrituras” (*tas loipas graphas*), ou seja, do Antigo Testamento e provavelmente dos evangelhos também³.

As terminologias Antigo e Novo Testamentos, como divisoras das duas partes da Bíblia, passaram a ser usadas no final do século II (2 Co 3.14), cujo significado é “aliança, pacto” (Jr 31.31 ss; Hb 8.6 ss).

1. COMPOSIÇÃO

A Bíblia é composta por um total de 66 livros, sendo 39 deles no Antigo Testamento e 27 no Novo. Os vários escritos que compõem o Antigo Testamento apareceram primeiramente como rolos separados em hebraico. Não se tem conhecimento como nem quando esses rolos foram compilados em um só volume. Não obstante, na contemporaneidade de Jesus o Antigo Testamento já era indubitavelmente uma obra completa. Nessa época já era conhecida e aceita sua tríplice divisão - a Lei mosaica, os Profetas e as Escrituras, composta pelos Salmos e outros livros de “literatura sapiencial” (Lc 24.27; 16.29; Mt 5.17).

Além de várias fontes externas ratificarem a veracidade do conteúdo escrito do Antigo Testamento, da forma como o temos hoje, os judeus daquela época foram extremamente cuidadosos, pois quando percebiam um único erro ou algum tipo de mancha em qualquer dos manuscritos, logo este era inutilizado e um novo era transcrito novamente com as devidas correções. Por essa razão, se pode concluir, com muita razoabilidade, que o texto dos manuscritos do Antigo Testamento se mantiveram fiéis desde os seus primórdios até os dias atuais.

Constam do Antigo Testamento várias profecias da promessa de Deus acerca do envio do Messias (Hb 1.1; 1 Pe 1.10,11). Por outro lado, no Novo Testamento Deus ratificou e concretizou o envio do Seu Filho como Seu mensageiro aqui na terra (Hb 1.2). Inicialmente

² ELWELL, Walter. *Manual Bíblico do Estudante*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 3ª edição 1997, p. 116.

³ COMFORT, Philip. *A Origem da Bíblia*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1ª edição 1998, pp. 13,14.

vários escritos que compõem o Novo Testamento, como o temos hoje, tiveram muitos destinos diferentes, a exemplo do evangelho de Lucas e do livro de Atos, que foram escritos para um homem chamado Teófilo com o escopo de lhe descrever, minuciosamente, acerca de tudo que Jesus começou a fazer e ensinar até a sua ascensão ao céu (Lc 1.1-4; At 1.1,2). Já a maioria das cartas do apóstolo Paulo foi escrita para igrejas localizadas em cidades específicas. E dentre os quatro evangelhos, julga-se que o de Marcos foi o primeiro a ser escrito, e que, de acordo com uma antiga fonte, foi um reflexo da pregação do apóstolo Pedro, sendo os gregos seus principais leitores iniciais. Em contrapartida, o evangelho de Mateus foi escrito primordialmente para os cristãos descendentes de judeus. Por esse motivo é que ele dá muita ênfase à história de Israel e à profecia do Antigo Testamento, que se cumpriram em Jesus Cristo (comparar Mt 4.4 com Dt 8.3; Mt 4.6 com Sl 91.11; Mt 7.7-12 com Dt 6.16, etc).

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de sinóticos porque, não obstante as diferenças neles existentes, têm em comum um mesmo padrão geral. Já o evangelho de João tem um conteúdo mais teológico e espiritual.

Apesar de os livros do Novo Testamento terem sido escritos para destinatários bem definidos, não demoraria muito para chegarem às mãos de outros cristãos atingidos pela diáspora, a exemplo do que aconteceu com a carta do apóstolo Paulo escrita aos Colossenses, que ele mesmo recomendou que chegasse ao conhecimento da igreja de Laodiceia e vice-versa (Cl 4.16), e, por conta dessa estratégia, as cópias logo começaram a se multiplicar. Ocorre que, não obstante com o passar do tempo os pergaminhos originais terem se estragado ou perdido, estudos de eruditos comprovam, através de análise comparativa com os muitos manuscritos remanescentes, com certeza muito próxima de cem por cento, que o seu conteúdo se manteve preservado.

No famoso manuscrito intitulado o Códice Sinaítico (Alfa), descoberto por Tischendorf em 1884, está escrito todo o Novo Testamento na língua grega. Já no Códice Alexandrino, que se encontra na Biblioteca Britânica, estão escritos os dois Testamentos também na língua grega. E no Códice Vaticano, que está na Biblioteca do Vaticano, está escrito o Antigo Testamento na língua grega e o Novo Testamento até Hebreus 9.14. Porém, apesar de não se saber, ao certo, quando os escritos foram compilados para integrar o Novo Testamento como o temos hoje, sabe-se que o processo com tal escopo já estava em andamento no final do primeiro século.

2. CÂNON

O termo cânon é originário da palavra grega kanōn (cana) que, no grego clássico, refere-se a uma vara reta ou régua de carpinteiro, sendo empregado em diversas acepções metafóricas. No Novo Testamento o apóstolo Paulo utilizou esse termo em Gálatas 6.16 – “Todos quantos andarem conforme esta regra” (ver também Fp 3.16), pois no contexto bíblico, o cânon é a regra de fé e de verdade dos cristãos.⁴

Malgrado o motivo que impulsionou tanto Moisés quanto os profetas a escreverem a mensagem que Deus lhes dera, foi que às vezes a enviavam a outros lugares (Dt 31.9-13,19,22,24-26; Jr 29.1; 36.1-8; 51.60,61; 2 Cr 21.12), na maioria das vezes era para servir de memorial às futuras gerações (Ex 17.14; Is 30.8), bem como de testemunha (Dt 31. 24-26), pois esses escritores sabiam da fragilidade da tradição oral. Tanto é verdade que, quando o Livro da Lei ficou perdido nos governos dos iníquos reis Manassés e Amom, houve um abissal prejuízo espiritual ao povo de então. E só depois que o Livro foi achado no templo pelo sumo sacerdote Hilquias, o povo experimentou uma renovação espiritual. Destarte, indubitável é que a maneira de se tornar perene a mensagem divina era através da escrita e não da fala, e esse foi o motivo pelo qual houve o surgimento do cânon do Antigo Testamento.⁵

Enquanto os apóstolos estavam ensinando a doutrina aprendida diretamente com Jesus, não houve necessidade de escrevê-la. Porém, com a morte de todos eles, a mera pregação oral tornou-se insuficiente, gerando muita confusão doutrinária nas igrejas daquela época, tornando-se urgentemente necessária a palavra escrita. Por isso que a partir de então houve a necessidade da formação de um cânon do Novo Testamento.

Não obstante, como houve uma acurada análise acerca dos livros que comporiam o cânon do Novo Testamento, ficou previamente estabelecido que só seriam nele inseridos os escritos que falassem de forma indubitavelmente coerente e convincente acerca de Deus. Quaisquer outros livros que não se harmonizassem com o todo, mesmo que tivessem sido sancionados por algum concílio independente, não daria o direito de ser reconhecida sua canonicidade.

Destarte, os livros inseridos no cânon do Novo Testamento foram os de reconhecida autoria de homens honrados pela igreja primitiva, tais como Mateus, João, Paulo, Pedro, bem como de outros homens não tão conhecidos, porém apoiados por verdadeiras autoridades apostólicas, a exemplo de Marcos, que recebeu a chancela do apóstolo Pedro, e de Lucas, que recebeu a chancela do apóstolo Paulo.

⁴ ELWELL, 1997, p. 116-120.

⁵ COMFORT, 1998, p. 81-83.

Por outro lado, enquanto alguns outros livros foram inseridos no cânon do Novo Testamento mais tardiamente, a exemplo da Epístola aos Hebreus, outros, como a epístola de Clemente de Roma aos coríntios e o Pastor de Hermas, após avaliação por algum tempo, não lograram êxito nesse intento.⁶

Não foi pelo simples fato de um livro ser antigo, informativo e útil e de ser lido e valorizado pelo povo de Deus que fora incluído no cânon do Antigo ou do Novo Testamentos, mas, sim, pela indiscutível autoridade divina em seu conteúdo.⁷

3. INSPIRAÇÃO

Inspiração é a palavra usada para indicar que Deus agiu diretamente sobre o que cada um dos escritores deixou registrado na Bíblia. Apesar de Deus ter respeitado o jeito de ser dos escritores, não deixou de guiá-los através do Espírito Santo, para que, dessa forma, ninguém tivesse dúvida de que o que escreveram foi realmente a Palavra de Deus para a raça humana.

Por isso, não resta dúvida de que a Bíblia é o resultado da interação entre os seus escritores e Deus. Tanto é verdade que, enquanto o lado humano fica evidenciado, dentre outras coisas, pela perspectiva, estilo e temperamento de cada um dos seus escritores, o divino se destaca pela incontestável coerência de todo seu conteúdo, malgrado a Bíblia ter sido escrita em diferentes épocas e lugares. Destarte, como Deus é o indubitável inspirador da Bíblia, é também o seu autor direto.

Duas são as passagens bíblicas que ratificam a genuína inspiração divina, sendo a primeira a seguinte: “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21). É de bom alvitre salientar que, apesar de esse versículo se referir à profecia falada, dá para inferir, com bastante clarividência, que o apóstolo Pedro nela também se referiu à origem divina da Escritura como um todo (1 Pe 1.23-25). E a segunda é: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16).⁸

Em 2 Timóteo 3.16 o adjetivo “inspirada”, originário do grego *theopneustos*, é a junção de duas palavras: *Theos*, cuja tradução é “Deus”, e *pneuo*, cuja tradução é “respirar”. Concluindo, a palavra “inspirada” significa “respirado por Deus”, ou seja, toda Escritura é

⁶ ELWELL, 1997, pp. 120-122.

⁷ COMFORT, 1998, p. 80.

⁸ ELWELL, 1997, p. 123-124.

respirada por Deus.⁹ O que o apóstolo Paulo está dizendo é que todo conteúdo da Escritura ou das “sagradas letras” (*hiera grammata* - 2 Tm 3.15), por ter a inspiração divina, é proveitoso para orientar a todos os seus leitores a ter uma vida que agrade a Deus.¹⁰

Por tudo isso e com fulcro nas quatro mil repetições da frase “Assim diz o Senhor”, bem como das repetidas afirmações “Disse Deus” ou “Deus tem dito” ao longo do Antigo Testamento, conclui-se, indubitavelmente, que as Escrituras têm sua origem e inspiração em Deus. Ademais, os profetas declararam ter recebido mensagens diretamente de Deus, a exemplo de Jeremias (Jr 1.9) e de Ezequiel (Ez 2.7). E o rei Davi também declarou que “O Espírito do Senhor falou por mim” (2 Sm 23.2).

Em alguns momentos os escritores do Novo Testamento usaram a expressão “a palavra de Deus” para se referir à revelação divina registrada no Antigo Testamento, bem como ratificaram as mensagens do pacto precedente que ainda estavam em voga no Novo.¹¹

4. AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

As duas principais línguas originais da Bíblia, o grego e o hebraico, representavam as duas mais importantes famílias linguísticas de então: a indo-europeia e a semítica. Os contrastes marcantes que caracterizavam essas duas línguas foram decisivos para proporcionar uma completa, progressiva e proposicional revelação divina.

É importante não olvidar que nenhuma tradução pode substituir as línguas originais da Bíblia no tocante à importância primária para a transmissão e perenização da revelação de Deus.

Na realidade o hebraico era um dos muitos dialetos cananeus, que abrangiam o fenício, ougarítico e o moabita. Até mais ou menos o ano de 1974, os mais antigos registros acerca da língua cananea estavam insculpidos nas cidades de Ugarite e Amarna, cujas datas remontam aos séculos XIV e XV a.C.

O hebraico faz parte do grupo semítico das línguas que eram faladas desde o mar Mediterrâneo até às montanhas a leste do vale do rio Eufrates, e da Armênia (Turquia), ao norte, até à extremidade sul da península árabe.

Já o aramaico é uma língua secundária do Antigo Testamento, através do qual foram escritas algumas partes dos livros de Daniel (Dn 2.4b-7.28), Esdras (Ed 4.8-6.18; 7.12-26), Gênesis (Gn 31.47), Jeremias (Jr 10.11) e também do Novo Testamento.

⁹ STAMPS, Donald. *Bíblia de Estudo PENTECOSTAL*, Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição 1995, p. 1882.

¹⁰ COMFORT, 1998, p. 50.

¹¹ ELWELL, 1997, p. 122,123.

Por outro lado, durante os séculos que antecederam o nascimento de Cristo, o Mediterrâneo oriental sofreu uma forte influência tanto helenística quanto semítica, que podem ser percebidas na tradução grega do Antigo Testamento.

O fato de o Antigo Testamento ter sido escrito em grego foi deveras fundamental para o progresso do pensamento cristão. Tanto é verdade que diversas vezes o dialeto “greco-judaico” do Antigo Testamento é detectado em trechos do Novo Testamento em que a tradução tenha ocorrido de forma literal ou bastante livre.¹²

O idioma que consta dos documentos do Novo Testamento é o grego comum (coiné), que era a língua falada no Oriente Próximo e no Mediterrâneo na época do domínio romano. Com exceção da epístola aos Hebreus, do evangelho de Lucas e do livro de Atos dos Apóstolos, que foram escritos com o grego coiné mais literário, os demais escritos foram produzidos com o grego mais comum ou vulgar¹³

5. TRADUÇÕES

A Bíblia passou a ser traduzida pela primeira vez em outras línguas no Egito, no século III a.C. De acordo com a tradição, nesse século o Antigo Testamento hebraico foi traduzido para a língua grega por setenta eruditos judeus (alguns dizem que foram 72), cuja versão ficou conhecida como “a Septuaginta”, que significa “setenta”, também atualmente conhecida pelos numerais romanos “LXX”.¹⁴ A Septuaginta é a mais antiga tradução grega do Antigo Testamento, sendo o seu testemunho significativamente mais antigo que o do texto massorético. Como os judeus que moravam no Egito falavam o idioma grego, e não o hebraico, houve a necessidade de se traduzir o Antigo Testamento para o grego.¹⁵

Não obstante na época de Jesus o grego ter sido o idioma universalmente dominante, aos poucos foi dando lugar ao latim, em virtude do aumento do domínio do império romano. Por essa razão, a partir de meados do século III d.C., o Novo Testamento começou a ser parcialmente escrito nessa língua, bem como também em copta e siríaco. Passado algum tempo, Jerônimo (345-419), bispo de Milão, apoiado pelo papa Damaso, fez uma revisão que ficou conhecida como a Vulgata (382), que se tornou a Bíblia da Idade Média, tendo sido aceita pelos

¹² COMFORT, 1998, pp. 291,292,294,304,305,310,311.

¹³ MELO, Esdras. *Bíblia A História Escrita Por trás do Livro*, Recife/PE: NGE – Nacional Gráfica e Editora, 3ª edição 2017, p. 49.

¹⁴ ELWELL, 1997, pp. 122-124.

¹⁵COMFORT, 1998, p. 230,231.

católicos romanos não somente até a Reforma Protestante, mas também muito tempo depois do seu início.

Por outro lado, malgrado na Bretanha o latim não mais ter sido usado entre as pessoas comuns da população, persistiu como meio de comunicação entre a Igreja e os intelectuais. Por conta disso, Bede (675-735) se sentiu impulsionado a traduzir parcialmente o Antigo e o Novo Testamentos para o idioma anglo-saxão, que era a língua falada entre o povo comum de então.

Como após a Normandia ter invadido a Bretanha, no ano de 1066, novas traduções deixaram de ser feitas por um período, a Bíblia passou a ser um livro difícil de se encontrar naqueles dias. Mas, mesmo em meio a tantas dificuldades, John Wycliffe (1330-1384) conseguiu coordenar a publicação de duas traduções completas da Bíblia. Depois disso, passaram-se mais de duzentos anos para que novas traduções fossem feitas. Até que, em 1516, Erasmo produziu o Novo Testamento no grego original, que chegou às mãos dos estudiosos da Bíblia através da imprensa, inventada no ano de 1450. Por outro lado, William Tyndale (1494-1536), na Bretanha, e Martinho Lutero (1483–1625), na Alemanha, traduziram em linguagem coloquial.

Quatro são as mais importantes e conhecidas versões em língua inglesa, a saber: *Versão Autorizada ou Versão do Rei Tiago (King James Version)*, que foi produzida por 41 teólogos selecionados numa conferência em Hampton, em 1604, e publicada em 1611, sendo a versão preferida dos nativos de língua inglesa; *Versão Revisada*, que foi produzida por doutores ingleses e norte-americanos, tendo sido o Novo Testamento publicado em 1881, e o Antigo, em 1885; *Versão Revisada (ou Padrão) Americana (American Standard Version)*, que foi integralmente publicada em 1901 e tem muita aceitação nos Estados Unidos; e, por último, a *Versão Padrão Revisada (Revised Standard Version)*, que publicou o Novo Testamento em 1946, e o Antigo em 1952, e tem grande simpatia das denominações liberais.

Por outro lado, no ano de 1978 foi lançada a New Internacional Version (NIV, que no Brasil é conhecida como Nova Versão Internacional), e é tida como a versão mais fiel aos textos originais em língua inglesa.

No ano de 1320 o livro de Atos dos Apóstolos e uma sintética história do Antigo Testamento foram as primeiras partes da Bíblia traduzidas para o português pelos monges de Alcobaça, em Portugal. E no século XV foram traduzidos Atos dos Apóstolos, os Evangelhos, as cartas de Paulo e uma *Tradução Historiada do Antigo Testamento*. Em 1479, Gonçalo Garcia de Santa Maria publicou *As Epístolas e os Evangelhos que se Cantam no Decurso do Ano*, em plena era da criação da imprensa. D. Felipa, filha do Infante D. Pedro e neta de D. João I,

traduziu os Evangelhos e Homilias de Todo o Ano. E em 1505, Bernardo Brivega publicou as traduções de Atos dos Apóstolos e as epístolas católicas.

João Ferreira de Almeida, ministro da Igreja Reformada Holandesa, foi quem primeiro traduziu toda a Bíblia para o português. Ele concluiu a tradução de todo Novo Testamento em 1670, e o imprimiu em Amsterdã, no ano de 1681, e traduziu o Antigo Testamento até Ezequiel 48.21, em 1691, ano em que faleceu. Por causa de sua morte, o Antigo Testamento foi concluído por amigos missionários e finalmente publicado em 1753. Porém, todo conteúdo da Bíblia traduzida por Almeida e seus amigos só foi publicado em 1819, pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

Outra pessoa que, entre 1772 e 1790, também traduziu toda a Bíblia para nossa língua, foi o padre português Antônio Pereira de Figueiredo, cuja edição ocorreu em 1864 pela primeira vez no Brasil.

Outra obra marcante por causa de sua fidelidade aos escritos originais é a Tradução Brasileira, lançada em 1917, e que hoje não é mais editada em face de sua rigidez na tradução, tornando-a pouco atraente. Por causa disso, tornou-se muito desejada pelos colecionadores.

Outra versão da Bíblia integralmente publicada entre 1777 e 1778 (Novo Testamento) e 1778 e 1785 (Antigo Testamento) foi a de Francisco de Jesus Maria Sacramento.

Já entre os evangélicos brasileiros, as três versões mais conhecidas da Bíblia de Almeida são a *Versão Revisada*, da Imprensa Bíblica Brasileira (IBB), a *Edição Revista e Corrigida (ARC)* e a *Edição Revista e Atualizada (ARA)*, ambas da Sociedade Bíblica do Brasil. Também há outras versões de Almeida no Brasil, como a *Edição Contemporânea*, da Editora Vida, e a *Edição Corrigida e Revisada*, da Sociedade Bíblica Trinitariana.

Em 1993, a Sociedade Bíblica do Brasil lançou a segunda edição da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), e, em 1995, a segunda edição da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), que é a versão adotada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD. Outra versão conhecida no Brasil é a Bíblia na Linguagem de Hoje, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

A Bíblia Viva (The Living Bible), de Kenneth N. Taylor, que foi lançada no Brasil em 1981, não obstante ser bem-sucedida comercialmente, tem causado muita polêmica entre os seus leitores, pois os que a defendem afirmam ser o seu conteúdo bem conservador do ponto de vista teológico e de fácil compreensão para qualquer nível de leitor. Por outro lado, há outro grupo de leitores que a rechaçam por considerá-la uma paráfrase e não uma tradução fiel aos

escritos originais, e que, por isso mesmo, é teologicamente incoerente e bastante irregular como um todo.

A Igreja Católica Romana também tem várias versões da Bíblia em português, sendo a tradução da Vulgata, pelo padre Matos Soares, muito difundida. Já a *Bíblia Mensagem de Deus* é a unificação de uma obra distribuída em oito volumes da Liga de Estudos Bíblicos, com texto profundamente revisto. E em 1968 a Editora Ave Maria publicou uma tradução dos originais da versão francesa dos monges beneditinos de Maredsous. E nesse mesmo ano de 1968, Carlos de Villapadierna lançou uma versão cujo escopo era unir tanto a beleza de linguagem quanto a fidelidade aos originais. E a *Bíblia Fácil*, do Centro Bíblico Católico, é uma tradução do Novo Testamento em linguagem acessível, e tem o Antigo Testamento resumido.

A *Bíblia de Jerusalém*, que foi lançada no Brasil em 1981, tem uma tradução feita diretamente dos originais e foi resultado de um trabalho coletivo de eruditos católicos e evangélicos. E como tem notas e comentários que são reputados como de alto valor científico, é uma Bíblia indicada para estudiosos.

CONCLUSÃO

É de bom alvitre destacar que, não obstante nenhuma tradução ser perfeita, também não deturpa a mensagem divina transmitida. Por isso, apesar de ser interessante observar os pontos positivos e negativos das mais diversas versões da Bíblia, deve-se entender que o mais importante não é qual a tradução que se lê, mas que seja lida uma delas. Ademais, pode-se incluir as incontáveis versões bíblicas atualmente existentes, por analogia, nas palavras do apóstolo Paulo se referindo aos pregadores de sua contemporaneidade: “Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boa mente; Mas que importa? Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou em verdade, nisto me regozijo, e me regozijarei ainda”.(Fp 1.15, 18).¹⁶

REFERÊNCIAS

MELO, Esdras. *Bíblia A História Escrita Por trás do Livro*, Recife/PE: NGE – Nacional Gráfica e Editora, 3ª edição 2017.

¹⁶ ELWELL, 1997, pp. 124-130.

ELWELL, Walter. *Manual Bíblico do Estudante*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 3ª edição 1997.

COMFORT, Philip. *A Origem da Bíblia*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1ª edição 1998.

STAMPS, Donald. *Bíblia de Estudo PENTECOSTAL*, Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição 1995.